

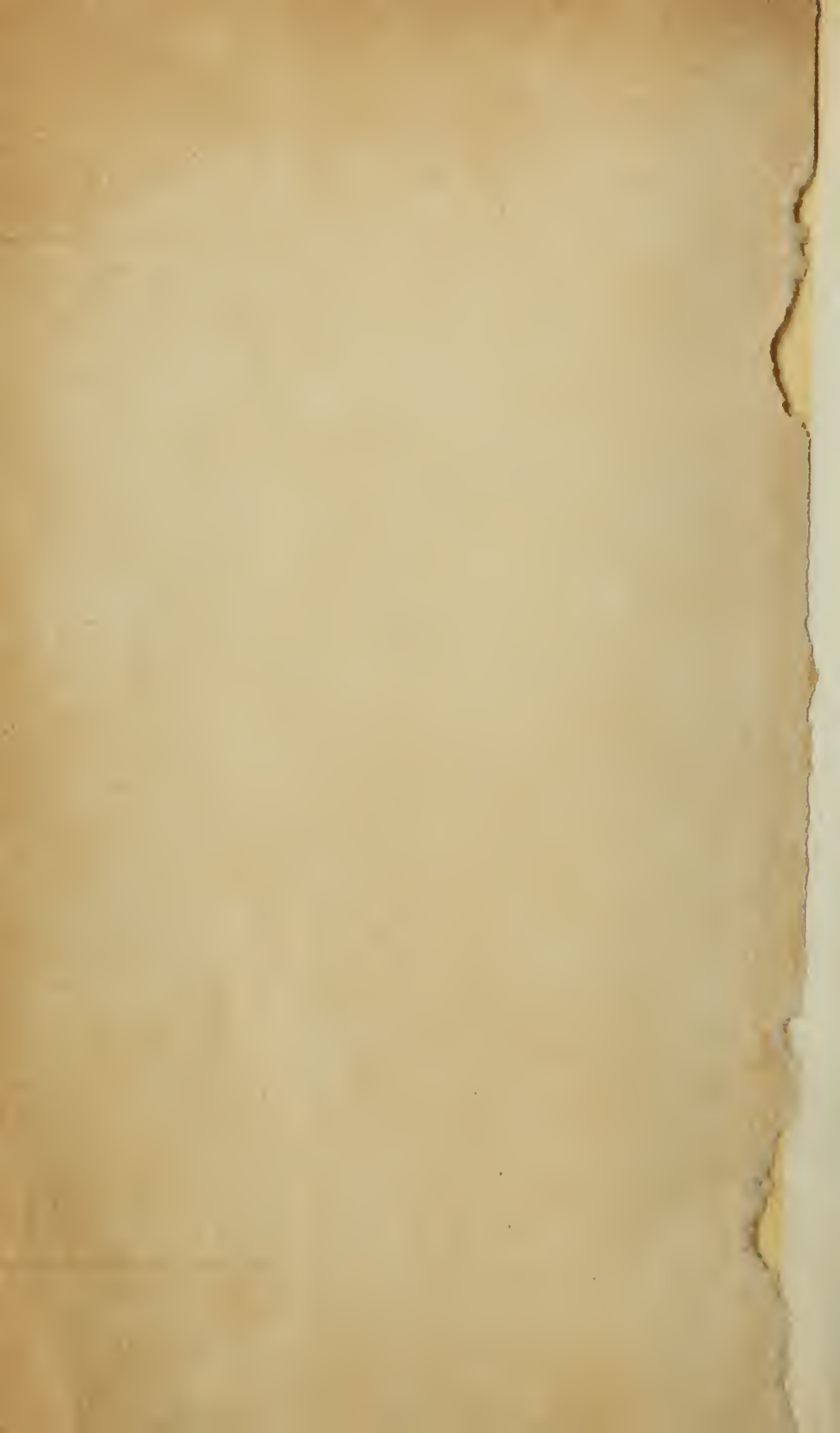


3 1761 06679535 2



Manuel da Silva Gayo

MONDEGO





EX-LIBRIS



To see by Aud. Mr. D. Lind. Coelb

Off

MONDEGO

Credito
Fru. Fran. Edus

OBRAS DO AUCTOR

POESÍA

- POESÍAS — I CANÇÕES DO MONDEGO. II RIMAS ESCOLHIDAS. 1 vol.
O MUNDO VIVE D'ILLUSÃO 1 vol.
AS TRES IRONIAS 1 vol.

PROSA

- PECCADO ANTIGO (novella) 1 vol.
OS NOVOS — I. MONIZ BARRETO 1 vol.
NA VOLTA DA INDIA (drama) 1 vol.

MANUEL DA SILVA GAYO

MONDEGO

LVMEN



COIMBRA

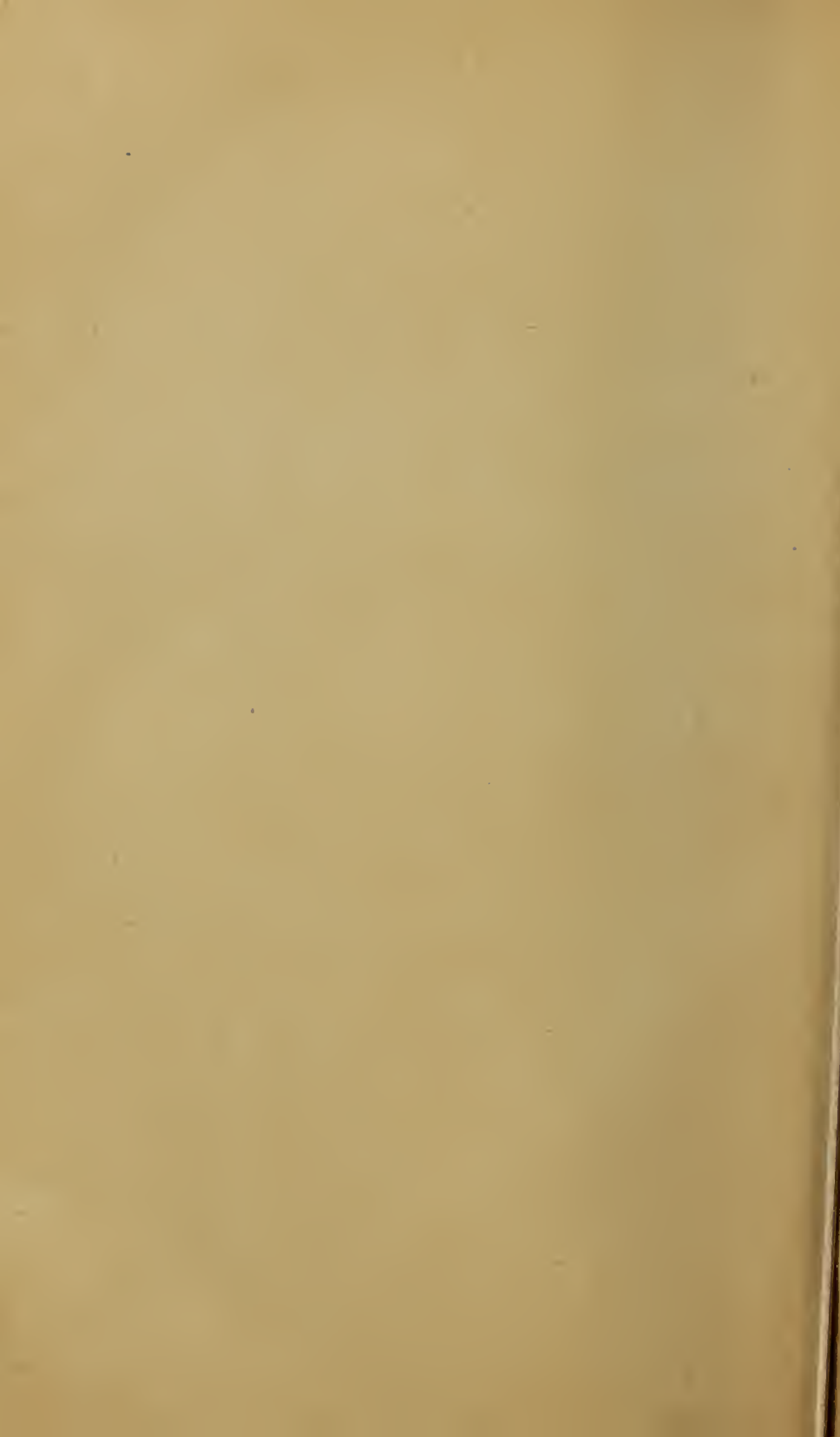
F. FRANÇA AMADO — EDITOR

—
M DCCCC.

Brief
PQD

0003369

Desta edição foram tirados doze exemplares
em papel de linho,
numerados e rubricados pelo auctor.



AOS
POETAS
NOVOS



« Oh Mondego, meu amigo,
E senhor das claras aguas,
A ti só meus males digo,
Minhas mágnas vão contigo,
Contigo vão minhas mágnas. »

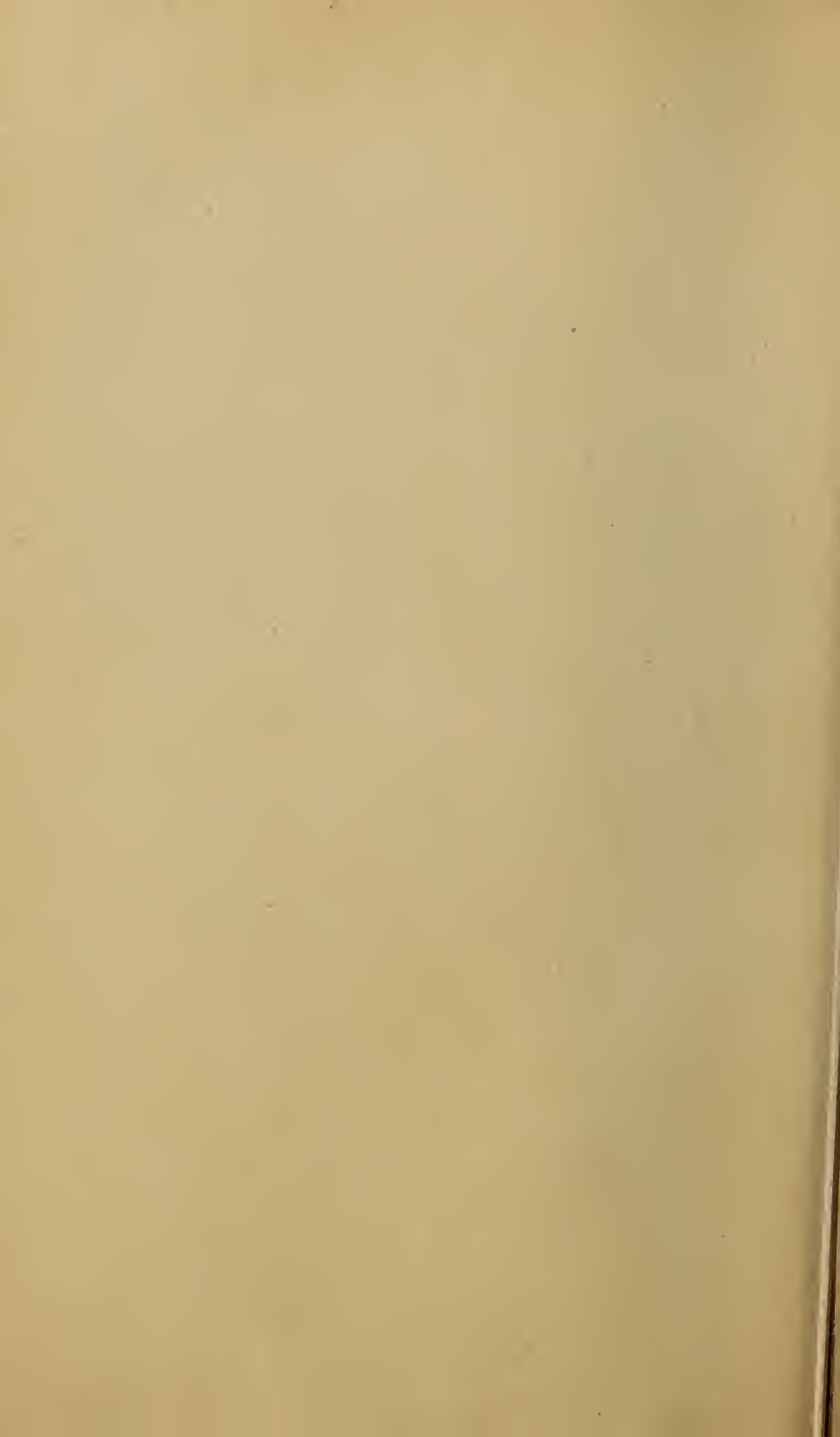
Palavras do pastor AGRESTES
(Sá de Miranda) na Écloga V de
B. Ribeiro.



PRIMEIRA PARTE

Lemano

(POEMA A GEITO DE ÉCLOGA)



AGUAS PASSADAS

« ... e buscava
Uma frauta que perdera,
 Que elle mais que a si amava ;
 Este era aquelle pastor

 Que em Mondego se banhou
 E que cantava melhor. »
 B. RIBEIRO, *Écloga II.*

Quando seu gado guardava
 Junto a Mondego saudoso
 Lemano, zagal formoso,
 Ligeira frauta tocava.

*Referencia ao verso 1.º do
 livro « Sarcasmos »*

E por ella, noite e dia,
 Espalhava, misturadas,
 As alegrias sonhadas
 E as máguas que conhecia.

A'quêlle cantar de máguas,
 A que os pastores corriam, — *Memo, eu, em tando*
 Paravam as vivas águas } *lá que se cantava...*
 E nem as folhas boliam. } *estão de f...*

Como se a tudo tal canto
 Accordasse altos sentidos,
 O gado olhava seu pranto
 Com olhos compadecidos. *Pelo contrario, o gado*
de ter cantos!

De repetidos que ouvia
 Pelos echos, pelos ares
 Seus demorados cantares,
 Nem quasi dizer podia :

Se fôra elle quem primeiro
 Os cantára, e á terra os dera,
 Ou se, antes, de echo fizera
 A's vozes do valle inteiro. *Ita puerari dizer que*
tricana lhe cantavam os versos? Igneros,
mas devido...

Ouvir-lhe os ais entoados
 Tornava logo as pastoras
 De si mesmas guardadoras
 Mais fracas, que de seus gados. — *Tramer, par & p...!*

Cantigas que então cantava
 Eram suas mais sentidas, *cantigas*
 Pois a seu chôro ajuntava
 O das zagalas rendidas. — *Séries! Histórias!*

Por ser igual seu penar
 Ao das que penar fazia,
 Dois males, num só cantar,
 O seu e o dellas unia,

Desque ao ver certa pastora,
 Em vão cuidadoso e perdido,
 O vencedor zagal fôra
 Duns brandos olhos vencido. *des étranger. De u p...
 lie Jammy!*

Mas tudo : pastores, gados,
 Vozes das águas correntes,
 Salgueiros leves, e prados,
 Mimosas sombras dormentes,

Echos das verdes quebradas,
 Casaes dos verdes outeiros,
 Cantigas e desgarradas,
 Zagalas de olhos trigueiros

— Tudo elle, um dia, esqueceu
 Ouvindo novos cantares — *Os suppletivos!*
 De zagaes, que ao prado seu
 Chegavam, d'outros logares ;

Tudo esqueceu, de levada,
 Pelas frautas que tocavam,
 Tão ricas, que até cegavam
 A sua, de envergonhada. — *Castelo! Começa a*

*função! Entra a cabeça
 a andar. Não é nada...*

Tudo esqueceu, tudo, quando
 Aquelles moços errantes
 Roda fizeram, cantando
 As suas terras distantes :

*Ento querevi dizer que a natureza
 libertos eram os rebanhos extoas.
 livre?*

Seus prados sempre relvosos,
 Seus sempre sólheiros montes,
 Seus arvoredos sombrosos
 Regados de vivas fontes,

Seus rios, d'oiro no fundo,
 Seus bandos d'aves doiradas,
 Suas pastoras delgadas
 — As mais airosas do mundo, —

E valles tão criadores
 Que davam, livres de amanhos,
 Fructos de sobra aos pastores,
 E farto pasto aos rebanhos.

Cuidando longe alcançar
 Venturas, que não lograva,
 Foi sua fruta guardar
 Num canto de rocha brava. — *Iti prompto!*

E, em nova fruta ensaiando
 Os cantos delles ouvidos,
 Partiu, atraz caminhando
 Daqueilles zagacs perdidos. *Atraz, e' recato, porque
 elle vai sempre atraz d'algum! De
 se chamar perdidos em repulhato
 elle que he' o apertado.*

II

REGRESSO

De volta, porfim, de volta
De Mondego ao verde prado,
Lemano, pastor curvado,
Extranhos cantares solta.

Volta a lembrar-se de como se!

Mas, porque de alheios, morrem,
Mal dessa frauta arrancados,
E para ouvi-los não correm

Zagaes, pastoras e gados. — Ora de novo, Lemano, e agora
porque nunca te apeteceu ouvir nada do que se ouve
dentro, — pois não se pode ter até ao fim! Não podes
ter confissão que o outro fazias o mesmo...

De funda mágua queixoso,
 Soluça : « Porque deixei
 Os longes mundos que andei,
 De falsos bens cubiçoso ? *Porque ei paroo!*

Antes sem terra morrer,
 Lá pelo mundo perdido,
 Do que estrangeiro viver
 Nas terras ondê nascido ; *Alia e nvidade!*

Antes por longe pastor
 De enganos, em cada engano
 Achando só desengano,
 Do que soffrer esta dôr ;

Pois sina minha é presente
 O mesmo vir, e comtudo
 Mudado andar para tudo,
 Ao perto, ser como ausente.

*Porden e transtão
 e... a syntaxe!*

Antes sêcco de soidade,
 Antes, por lá, mudo e cego
 Do que alheios ver Mondego
 E minha triste vontade,

*Se não tem vontade para
 ir, que hade fazer? Hei de
 ir com os outros!*

Ai! do que ver suas águas
 — Não era assim das passadas —
 Correrem desencontradas
 Da queixa de minhas máguas.

*Deu-se havia de encontrar
 d'isso o Mondego!*

Ai! nunca a mim me tentára
 Quem meus sentidos tentou,
 Nem tão longe me levára
 Quem tão longe me levou!

Por que facto, o pastor?

Nunca eu daquelles pastores
 O canto houvera escutado:
 Já não fôram meus erros
 Nem meu mal, só delles nado!

*Por que facto, o pastor?
meu mal, só delles nado!
 Um anno de chronica. vide*

Frauta minha, frauta ruda,
 Como te pude deixar
 Por esta, que é sempre muda,
 Que é mudá no seu cantar,
 Por esta, que é sempre muda,
 Como te pude eu trocar? *Esses tipos: a cantiga que
 não pega...*

E o pranto seu rosto cava,
 Quando, de súbito, pára
 A' beira da rocha brava,
 Que a antiga frauta abrigára.

Então, vencendo o igual medo
 De achá-la ou vê-la perdida
 — Depois que em duro penedo *Tenho a coleção do Gato*
 A alheia deixou partida, —

Como se uma ave elle fôra
 Tomar do escondido ninho,
 Desencantou de mansinho
 A ruda frauta de outr'ora. *Vinde - the beguante de
 beijos do petricio se de Mirand
 E' o que se uti' a ver! Tem
 a imitação!*

De amargo, como correra,
O pranto se lhe adoçou,
Vendo que ás pedras doera
O mal que de si deixou ;

Vendo frouxel, musgo brando,
Aroeiras, folhas de vinha
A' frauta pobre enfeitando
Seu leito de engeitadinha !

E, mal seguro de ver
O que a seus olhos dá vida,
A' doce avena esquecida,
Os beiços leva, a tremer.

E logo moços e gados,
Zagalas de brando olhar
Vão no quebranto arrastados
Daquelle velho cantar.

Emquanto, em sonho dormente,
As fontes de vagar choram,
E as claras águas demoram
Seu curso, saudosamente;

Emquanto os echos distantes,
O antigo canto espalhando,
As almas lembram voltando
Dos echos que fôram d'antes.

Entravam dias d'abril,
Quando inda o Sol, recém-nado,
Mal queima o fio delgado
Do ar esperto e subtil,

E ainda os choupos nodosos,
A um ai de leve nortada,
Sacodem frouxeis sedosos,
Que a terra deixam nevada;

Quando Mondego corrente,
Tão sêcco elle vae ficar,
Faz lembrar que, finalmente,
Cegou de muito chorar,

Mas nas ínuas os arados,
A humida terra lavrando,
Parecem quilhas cortando
Por verdes lagos coalhados ;

Quando já pelos valleiros,
Bordados de silveiraes,
Os melros cantam festeiros
E ensaiam vôo os pardaes.

E no saudoso segredo
Da tarde, junto do rio
Que a verdura do arvoredado
Tinge de verde sombrio,

Fôram estes os cantares
 Que, á volta de seus errores,
 Lemano, dentre os pastores,
 Soltou aos echos e aos ares.

Não me dá a mão; e parte
 o precioso ardeico!
 Não he maneira de deixar
 de ir pelo não de algum
 de que se tornou-se em de
 de Mirande, mas não
 tardar por o descon
 prouto e se agerre a
 outro...

DIAS CORRENTES

Lograssem águas passadas
 Atraz voltar ! Quem no déra !
 Primeiras fructas córadas,
 Quem de novo vos colhera,
 Do mesmo orvalho orvalhadas !
 Ah ! Quem de novo lográra
O Sol dos dias ausentes !
 Que hoje outra vida eu levára
 Se aquelle Sol me doirára
 Meus tristes dias correntes !

*O Sol não foi o sol de hoje
 aquillo é o sol de hoje. Mas pro-
 nunçiam e aquillo bello e claro
 em lousa a puer...*

Uma outra vida, apartada
 Da que levei por meu mal,
 Pois foi vida desgarrada
 Porque só dei, afinal,
 Depois de desbaratada. — *Bem feito! D. que me*

Mas é destino sabido
 Que só depois de o perder
 Bem se queira ao bem perdido,
 E veja não ter vivido
 Quem já vae a envelhecer. *Leto 5 versos não megru*

fin, a ligam de de d. M.

Moços zagaes de hoje em dia,
 Nenhum de vós me conhece,
 Pois nem vos amanhecia
 Quando o Sol (que mal me aquece)
 Já de alto então me aquecia.
 Zagalas, neste pastor
 Mal outro sonhaes e vêdes
 Que, ao tempo de seu verdor,
 De novos beijos d'amor
 Curtia fomes e sêdes.

Mas que mal faz que á vontade
Na minha possa dobrar,
Moços zagaes, vossa idade,
Se o uso do bem cantar
Entre ellas poz egualdade ?
Se são no canto ligeiros,
Velhos e novos pastores
Tambem no mais são parceiros,
E já nos fez companheiros
Quem nos criou cantadores.

E pois que, cepo ou vergeis,
Somos uma e a mesma lenha,
No que vos diga achareis
— Porque eu consumido venha —
Aviso que lembrareis.
Depois... só me será dado
Viver para vos ouvir,
Cuidando ser meu passado,
Mas de tristezas lavado,
Que volta em vosso porvir !

Nota: esta é a parte.

Nunca deixeis vosso rio,
 Se é espelho de verdes montes
 E de olivedo sombrio.
 Nunca deixeis vossas fontes,
 Chorando por vós em fio.
 Nunca por famas levados
 Ai! nunca de longes terras
 Busqueis os fructos gabados,
 Pois vos serão amargados,
 E em tudo só tereis guerras.

Bravo! Apricado!
Belle idee, e splendide
forma.

Tal foi, tal foi meu fadario...
 Porque atraz de alheios cantos
 Levado andei, peito vário!
 Desfiz meus dias em prantos
 E fiz da vida calvario.
 Para guardar o de extranhos
 Meu proprio gado deixei;
 Mas, por castigo, em vez de anhos
 Só, entre os homens, rebanhos
 De feros lobos achei.

Regrava. Si se chama lobo
ao indifferente. d'os erros que
culpa tinha de que fosse Tolo

E meu mais vivo soffrer,
 E minhas penas constantes
 Nasciam de longe ser
 A fruta que fôra d'antes
 A graça de meu viver. — *Voltamos a trag...*
 Pois desque, apartado desta,
 Doiradas frutas tangi,
 Nunca mais, troca funesta,
 Ninguem, com trinos de festa,
 Ou brados de dôr, venci.

*Podera! Tu, do sect., mesmo q
 tocar pela tua nunca tocara
 grande coisa...*

Nunca assim, moços zagaes,
 Deixeis por novas cantigas
 Trinados e duros ais
 De vossas frutas antigas,
 Por muito que outras ouçaes.
 Olhae que se agora pude
 As almas destes logares
 Vir acordar, foi virtude
 Só desta avena, da rude
 Cigarra de meus cantares.

Ainda ainda revivamos...

E se quereis ver amados
Os vossos cantos, então
Que os passos por vós andados
Perdidos alem não vão
Da extrema de vossos prados.
Se ouvidos vós quereis ser,
Que as queixas de íntimos males
Não vão ao longe bater
Da terra onde hão de morrer
Os echos de vossos valles.

Don

E' que para alguém na vida
Contar seu bem ou seu mal
Ha só a falla nascida
Na mesma terra natal
Dessa alma, alegre ou sentida.
E só também hão de amar
Seu canto os que em seu torrão
Tiveram berços e lar,
Que é isto o que faz medrar
Egual sentir e razão.

Don

E não vos pareça estreito
 O vosso torrão, pastores,
 Pois este é torrão de geito
 Para seára de amores, —
 Que á farta vos encha o peito.
 Outra não ha que assim seja
 Terra de doces cantigas ;
 Por onde quer que se esteja
 O ar — ouvís ? — rumoreja
 De vozes de raparigas.

Ci' plentei eu... brillem

Muito bom.

Que raparigas então !
 Ah ! vêde que airosas môças
 As lavradeiras não são,
 E as que por prados e bouças
 Guardando rebanhos vão !
 Fazem seus rostos cuidar,
 De lindos que Deus os fez,
 Que ajuntam ao pennujar
 Das fructas a amadurar
 Lourejos de pão tremez.

Muito bom.

Mas é a Mondego claro
Que mais do que a tudo quero,
Pois delle só colho o amparo
E delle o socego espero
De que ora já sou avaro.
E porque tanto eu lhe queira
E' que, lembrando a doçura
Da minha idade primeira,
A' terra de sua beira
Venho pedir sepultura.

Rio de fallas mais tristes,
De mais saudosas toadas,
Ai ! nunca no mundo o vistes !
Tão lindas coisas passadas
Nunca a ninguem nas ouvistes !
E não ha hõra que cáia
Mais a geito de as ouvir
Do que esta, em que o sol desmaia,
E a voz das aguas se expraia
Como uma prece a subir.

Ouví-o, por que o louvor
De suas saudosas tardes
— Emquanto passando fôr
O tempo que aqui passardes —
Nos vossos seja maior
Do que em meus versos ; pois quanto
De minhas canções sabeis,
Quando eu por Mondego canto,
Não é tão bello nem tanto,
Que mudos vós vos fiqueis.

Ouví-o, para que então
De vossos sonhos ou máguas
Melhor se afine a canção ;
Pois sempre por estas aguas
Cantigas se afinarão.
E com a graça e valía
Que, assim, no cantar puzédes
Não extranheis se algum dia
Atraz de vós, á porfía,
Brutos e rochas moverdes.

Ouví-o sempre, zagaes,
Que só de ouvi-lo parece
Que, em roda, quanto vejaes
Humano se torna, e esquece
As condições naturaes :
São tudo almas e vidas
Desde o monte ao verde prado,
E as oliveiras sentidas
Viuvinhas lembram, vestidas
De luto alliviado. *Delto.*

Ouví-o, pois quem no ouvir
Maior affecto ha de ter,
Por Mondego nella ir,
A' Patria que o viu nascer ;
Se para longe partir,
Quanto mais distante fôr,
Mais lhe hão de os rios lembrar
Deste paiz do Senhor
Onde se morre d'amor,
E se moireja a cantar.

Ouví-o, que só elle ha de
Dar-vos a doce riqueza
Daquella conformidade,
Que vence toda grandeza.
Para rir do que esta Edade
Acima de tudo preza
Achará força vital
Quem dentro do coração
Entenda a sábia lição
Dos rios de Portugal.

Ouví-o : lá vae contando
Lindas histórias contadas,
Onde ha salgueiros fallando,
Milagres de mãos sagradas,
E peitos d'amor penando ;
Onde o Porvir ao Passado,
Em desconto dos maus dias,
Promette famosos cantos ;
Até que ás eras de prantos
Responda com prophcias.

Mon Cousin, en mes temps, est allé à la messe
pour ses menées, tant à dehors des
graves... littéraires! Pleureuse sur ces
saints livres, sur ces, de omni re nobili. On
a été en de Verididi! Depuis, a varié de
deux à trois fois, sur ces, de deux... par
verses. Dese versés de aujour, de par les litte-
reries, de par les littéraires. A l'ultima course
par les de l'ultima est a meilleur. On a
livre d'elle content. On a memo. No 2^o
— C. Brown — expositon a premier, l'annee
de l'histoire. Depuis encesse autres, — a 1811
tous, pour, expositon a 1811! Bien fig ce
pour les mes expositon autres, a tous par elle

em estroenthan esse meu silencio... Mas eis-o
agora bem justificado — por elle mesmo!

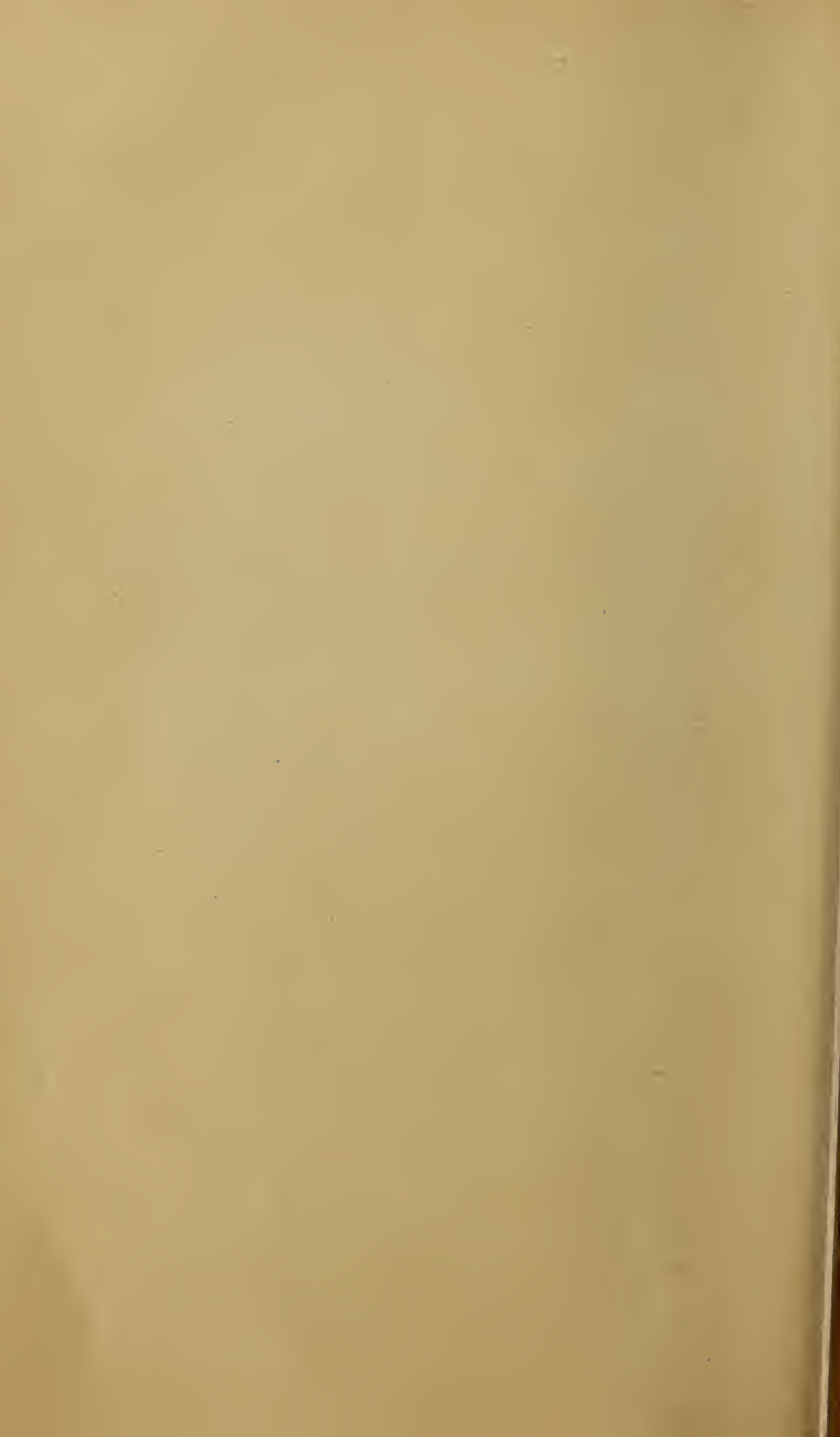
Curioso typo! Curioso livro!

SEGUNDA PARTE

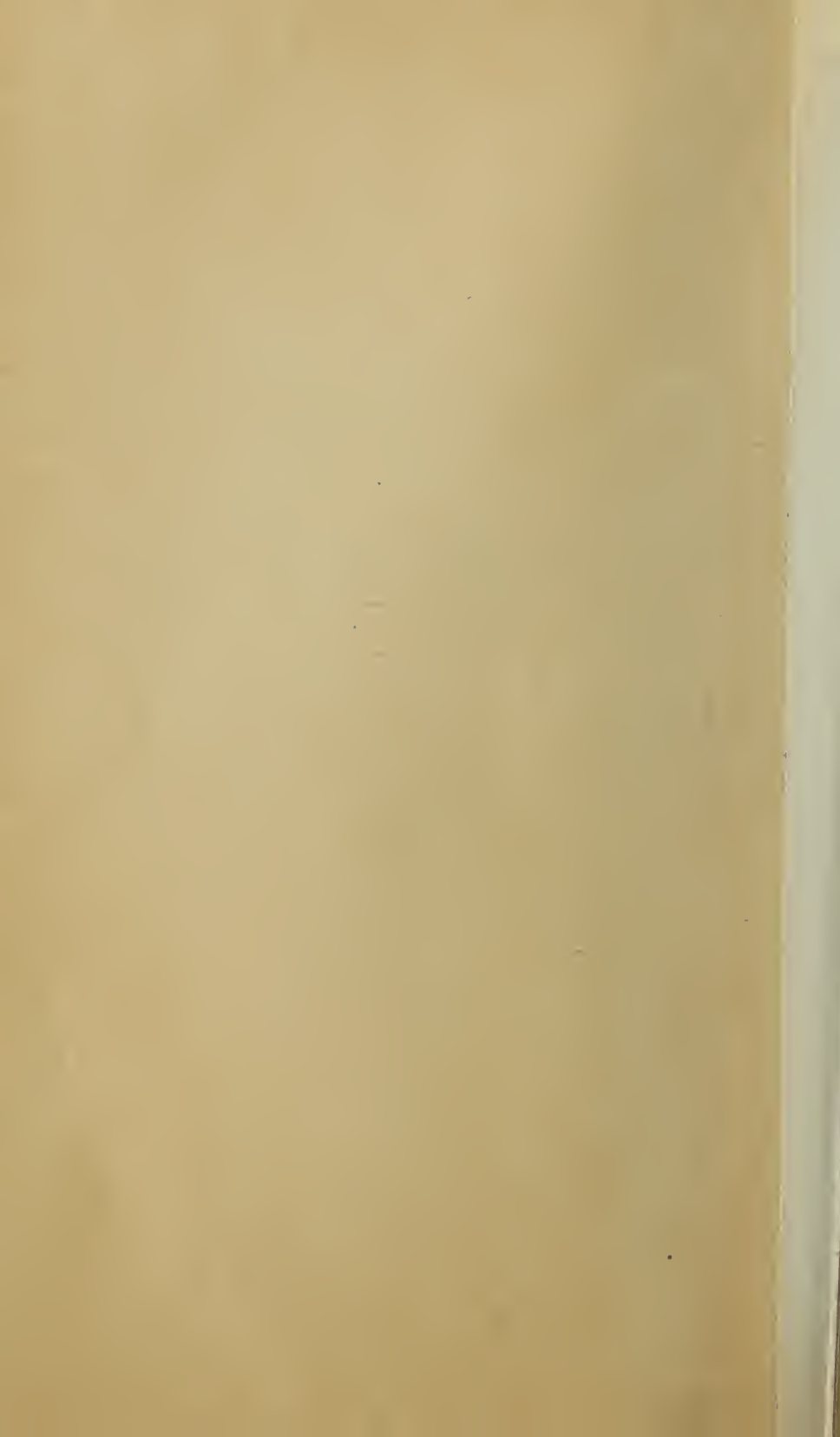
Caro meu vez, e ficou expozomado pelo meu-
llor — depois de morto! Não tardou muito,

Contos do Rio

caro em entre!



OS SALGUEIROS



OS SALGUEIROS

Por noites de nevoeiros
Trespassados de luar
Perdíam-se os caminheiros
Ouvindo o doce cantar
De meus curvados salgueiros.

A' minha margem corriam
E, uma vez que eram chegados,
Taes quebrantos os prendiam,
Que dos caminhos andados
Para sempre se esqueciam.

Mas quando, ao chegar, não davam
Por quem cantasse, buscando
Donde essas vozes soavam
E os verdes ramos tomando,
— Em meu leito se afogavam.

Chorada e pranto!
perdo.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

PQD

0003369

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 07 04 11 011 9